

Como Flores no Asfalto: Relatório das Atividades de Extensão do Grupo Artvistas IFTM *Campus* Patrocínio - MG

Carlos Humberto Pereira Filho

*Aluno de Eletrônica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)*

Cecília de Menezes Sobreira Cunha

*Mestre em História das Ciências
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)*

Gustavo Cezar Ribeiro

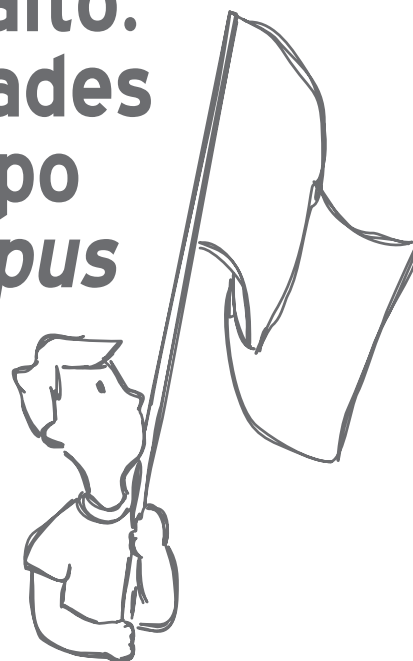
*Doutor em Ciência Política
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)*

Larissa de Paula Silva

*Aluna de Manutenção e Suporte em Informática
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)*

Samuel Victor Rodrigues Reis

*Aluno de Eletrônica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)*



*Uma flor nasceu na rua! Passem de longe,
bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.*

*Uma flor ainda desbotada ilude a polícia,
rompe o asfalto.*

*Façam completo silêncio, paralise os
negócios,*

garanto que uma flor nasceu.

(Carlos Drummond de Andrade)

Introdução

A manifestação artística é um fenômeno intrínseco à experiência humana e contribui para o desenvolvimento da sociabilidade e da capacidade de expressão. Dentro de uma instituição onde o foco é a formação profissional, faz-se imprescindível desenvolver propostas que promovam a expressão artística e colaborem para a construção de uma formação mais ampla, integrada e humana. Este projeto surgiu como proposta/ espaço de atuação/reflexão política e filosófica, as quais podem ser expressas e compartilhadas através da arte. Poderíamos dizer que "a arte não era nossa meta, mas a ocasião e o meio de localizarmos nosso ritmo... E as possibilidades enterradas de nossa época. Tratava-se de uma verdadeira descoberta da comunicação. Ou a busca disso." Sendo assim, a arte foi o meio orgânico favorável ao desenvolvimento de vínculos com a diversidade, ao estímulo da criatividade, do pensamento crítico,

além de ser instrumento de atuação na humanização do mundo, na humanização de si. Assim nasceu o grupo artístico Artvistas.

O primeiro embrião dessa ideia recebeu o nome CENID em CENA e foi criado em junho de 2016. Nele, alunos de diversos Cursos Técnicos Integrados do IFTM *Campus* Patrocínio se mobilizaram para desenvolver uma atividade cultural durante a Semana de Cursos, evento científico da instituição. O nome Artvistas só veio surgir depois, inspirado em uma apresentação cultural realizada no Festival de Artes do IFTM *Campus* Ituiutaba, cuja temática, Arte e Política, deu os tons e os timbres do nome do grupo que pouco a pouco se constituía. Naquele momento se estabeleceu a ideia compartilhada pelos integrantes, a de unir a paixão pela música e a vontade de atuar politicamente na sociedade, de expressar seus posicionamentos sociais, políticos e filosóficos.

O projeto CENID em CENA foi coordenado pela professora Keula Aparecida de Lima Santos e a aluna Ana Luiza Dortas e foi registrado como ação do Centro de Idiomas (CENID), também sob a coordenação daquela professora. O CENID em

CENA, por meio do grupo Artvistas, desenvolveu desde sua criação as seguintes atividades:

- apresentação na Aula Magna do Centro de Idiomas (CENID) no IFTM *Campus* Patrocínio em agosto de 2016;
- produção e apresentação do espetáculo “Passado do Presente” no Festival de Artes do IFTM – *Campus* Ituiutaba em setembro de 2016;
- produção e apresentação do Musical “Minha Bandeira é Minha Canção” na Semana Nacional de Educação Ciência e Tecnologia do IFTM *Campus* Patrocínio, em outubro de 2016;
- organização e apresentação no Sarau Cultural da Semana da Biblioteca no *Campus* Patrocínio, em outubro de 2016;
- apresentação do musical “Minha Bandeira é Minha Canção”, no Festival de Teatro da Cidade de Patrocínio, em novembro de 2016;
- interpretações musicais no I Seminário Afroconsciência do IFTM *Campus* Patrocínio, em novembro de 2016;
- produção e apresentação do espetáculo “Cantata de Natal”, realizado na Praça Santa Luzia em Patrocínio – MG, em dezembro de 2016.

Ao iniciar o ano de 2017, o grupo promoveu um momento de interação cultural no qual foi aberto espaço para acolher e integrar novos alunos ao projeto, a partir de então, denominado Artvistas. A nova formação, embora tenha se despedido de alguns integrantes, ainda conta com alunos egressos que se empenham em conciliar suas novas atividades externas aos projetos do grupo. Assim, dando início à produção do musical “Quem canta um conto aumenta um ponto”, apresentado no Sarau Cultural dentro da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia do IFTM *Campus* Uberlândia e na abertura da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia do IFTM *Campus* Patrocínio, ambos em outubro de 2017.

Além da participação nestes eventos, o grupo se reúne pelo menos duas vezes por semana para a elaboração das coreografias, ensaios, passagens de som, construção das apresentações, discussão do texto, seleção das músicas, enfim, compartilhando olhares, sons e expressões. À época das apresentações, os ensaios gerais entram noite adentro e se multiplicam durante a semana.

Todos os estudantes, docentes e funcionários do IFTM de Patrocínio conhecem o grupo e reconhecem seus talentos. Os desenvolvimentos da mídia e as postagens cheias de likes em redes sociais demonstram que o grupo ultrapassa o espaço institucional e chega a outros espectadores. A motivação dos integrantes e o desenvolvimento artístico dos alunos-artistas foram essenciais para alimentar o desejo de dar continuidade ao projeto que, agora, leva o nome do grupo, expressando, assim, elementos das identidades de seus integrantes.

A animação e o entusiasmo de todos os que são convidados ou selecionados a participar do projeto é visível. A semente de um sentimento de renovação do ambiente institucional – tradicionalmente mais retraído e metódico – brotou de forma única em cada um dos integrantes. Este sentimento cresceu, criou raízes e floresceu. Sem dúvida o grupo consegue transcender os muros institucionais, fazendo com que o projeto de extensão seja um espaço de desenvolvimento de habilidades musicais, de escrita, atuação, performance, numa experiência poética genuína e muito própria. Os Artvistas conseguiram criar algo diferente de tudo que se costuma vivenciar no ambiente escolar, como eles próprios dizem. Cantores, atores, dançarinos e instrumentistas compunham a primeira formação da equipe, em que todas e quaisquer habilidades são muito bem-vindas e exploradas. Nas audições de seleção para novos membros, as habilidades artísticas são um requisito importante, mas não menos importante do que a disposição para assumir a responsabilidade de ser parte do grupo.

Após encontros e reuniões, o grupo designou seu propósito e visão principal: disseminar críticas sociais, ideias e intervenção através da arte. Foi precisamente da palavra *ativista*, cujo conceito remete a alguém que luta e se empenha de maneira engajada por uma causa específica, que surgiu o nome do projeto. A aglutinação desse termo e do vocábulo *arte* foi escolhida para apontar o significado do conjunto, unindo os principais sentidos que o caracteriza.

Relatos de Experiência

Hoje, o grupo Artvistas conta com 25 participantes dos diversos cursos do Ensino Médio Integrado, além de 2 alunos egressos. A coordenação do projeto foi substituída em virtude da redistribuição da professora Keula, ficando ao cargo da professora Cecília de Menezes Sobreira Cunha e do professor Gustavo Cezar Ribeiro, ainda que o grupo seja autônomo na execução de tarefas, construção criativa e tomada de decisões. A dinâmica de tomada de decisões, organização de ensaios e iniciativas é baseado na autogestão dos próprios membros – nas palavras de sua primeira coordenadora, professora Keula, os Artvistas “são autogerenciáveis”. A maior parte do trabalho dos coordenadores acaba por se restringir a tarefas burocráticas – preencher papéis de solicitação de transporte e inscrição em eventos, além de alguns ajustes nos relatórios das atividades. Os alunos criam praticamente todo o espetáculo e se organizam em suas atividades.

Nesse sentido, ninguém melhor para contar o que são os Artvistas do que seus próprios integrantes. De acordo com o relato da Larissa de Paula Silva,

Tudo começou com a Semana de Cursos de 2016, quando, por entretenimento, cantávamos algumas músicas e minha professora teve a ideia de fazermos um musical. Depois da primeira apresentação com enfoque nas questões políticas atuais, ocorrida em Ituiutaba, começamos a receber convites e assim ficamos cada vez mais conhecidos. Cada música, cada passo, cada parágrafo era escolhido com uma atenção especial e carregava uma mensagem positiva ou uma revolta. Expressamos a cultura e a arte por meio da música, do teatro, da dança e da literatura, transmitindo uma energia que nem nós mesmos conseguimos entender, mas que mostra que um futuro melhor é possível. Com o andamento do grupo nos tornamos uma verdadeira família, a união que temos, nossa facilidade em trabalhar em equipe e respeitar opiniões contrárias, porém importantes, nos tornaram pessoas melhores e capazes de questionar o mundo em que vivemos. Essa curta jornada nos fez crescer e amadurecer tanto como indivíduos como estudantes, e sou extremamente grata por poder viver isso e saber que o que fazemos com tanta dedicação faz a diferença. O Artistas é um sonho realizado. Sinto-me privilegiada por fazer parte desse grupo que é independente e, ao mesmo tempo, dependente de seu público

(depoimento da aluna Larissa de Paula Silva).

Processo Criativo

O processo de criação do grupo também evidencia o funcionamento do grupo, como criar uma obra a tantas mãos? Cada componente dos Artistas assume sua posição orgânica no grupo, de acordo com suas habilidades e afinidades. Quem gosta de escrever, escreve o enredo e a narrativa do musical. Quem sabe coreografar, apresenta a sequência de passos e sugere aos demais dançarinos, construindo em parceria e montando o conjunto da obra. As escolhas das músicas cantadas e de quem canta é consensual, tudo flui em harmonia, ainda com toda diversidade no grupo.

Os modos de fazer do grupo também são expressos pelo relato do aluno Carlos Humberto:

No nosso processo de criação, não acreditamos que haja algum enigma. Não é muito complicado e não envolve nenhuma matemática muito elaborada. Ahamos que a funcionalidade e a propulsão residem nas divergências opinativas. Sim, isso mesmo, nas nossas oposições. Por sermos várias pessoas com várias ideias diferentes, conseguimos várias decorrências: as somas, as divisões e as subtrações das primeiras. Nossas ideias nascem de onde têm que nascer. De um olhar, de uma mágoa, de onde quer que estejam e tenham que vir. Elas acontecem, e isso é o que basta.

(depoimento do aluno Carlos Humberto Pereira Filho)

Talvez seja válido solicitar licença poética para chamar o grupo de *microcosmo social* artístico e democrático, com princípios éticos e direcionamentos políticos, transformadores e filosóficos, mesmo que no lidar cotidiano do grupo tais diretrizes não sejam pronunciadas. Ainda que também ninguém tenha sentado para discutir os fundamentos políticos e organizacionais dos Artistas, o grupo tem assim se constituindo espontaneamente.

É claro, sempre temos um destino; um foco, uma meta. Nossas ideias vêm também daí. De conversas reflexivas, ou ainda melhor, de telepatias. De entendimentos que vêm após um papo legal ou alguns segundos de olho no olho. Vem do sentido e da sabida projeção de futuro que já certa: a de realização. Por sermos tão conexos, ainda que totalmente acoplados por características únicas, criamos com toda a legitimidade digna a palavra, pois os Artistas, o nosso trabalho, a nossa arte é o resultado de todos nós. Nenhum de nós é estreitamente semelhante. Nós somos formados por uma equação, na verdade, é melhor dizer por uma fórmula química de elementos tão distintos e suplementares que é surpreendente. Às vezes, alguns cantam ou fazem isso e ainda dançam na sua proporção. Alguns escrevem e também dão ritmo. Atuam, inventam e, o melhor, se reinventam. Assim funcionamos. No entanto, não acreditamos que o inédito e o surpreendente e o mais mágico esteja apenas na nossa pluralidade. Sim, é isso incrível, mas o melhor fica no desfecho, isto é, a força que erige o movimento até tornado em real o seu anseio

(Idem).

A dinâmica de criação é espontânea, vai acontecendo despretensiosamente, é como se não tivesse sido escrita nenhuma cartilha de gerenciamento e funcionamento de um grupo de artes, ou se dela não se precisasse.

O nosso trabalho é uma loucura. Partidas, desencontros, olés e ensaios. Às vezes, em uma tarde queimada pelo sol até o vento da noite, já em outro às vezes, no contratempo que é insuficiente até mesmo para a tomada de um café. Nada que seja impossível, é claro. Somos de marcação, de hora a hora e ponto encerrado. Mas quem é que resiste a um pouco de prazer ou a um saboreio de felicidade a mais? As temporadas de apresentações são a melhor parte e época. Encontro a toda hora, conversas também e uma completa dedicação. Confluência é o que há de melhor em nós. É palavra que muita gente não conhece e é também onde se resume a nossa melhor habilidade: a de olhar e desenhar uma trajetória rumo a um propósito.

(Idem)

Todo o grupo é orgulhoso de si e do trabalho que realiza, com dedicação e muitas vezes abdicando de outros projetos individuais. Grande parte dos alunos está no último ano dos cursos integrados, o que significa que estão envolvidos com as seleções para futuro ingresso na educação superior, como ENEM e outros vestibulares. Ainda assim, o envolvimento com as apresentações e ensaios é intenso. Todos que fazem parte do grupo gostam de fazê-lo, como podemos ver pelo relato do aluno Carlos Humberto:

Quando me convidaram para ser um membro ativo dos Artistas, eu não sei bem ao certo descrever o que aconteceu dentro de mim. Acho que o que me veio em sentimento, em primeira hora, foi uma singela tempestade que misturava em seus ventos um pouco de medo, alegria, triunfo e honra. Sim, eu senti um pouco de medo – aquele que é obrigatoriamente habitual quando se depara com uma novidade proposta pelo futuro –, mas também era um festejo interior tão grande por ser convidado para fazer parte de um grupo ideologicamente semelhante a mim que qualquer outra palavra que não seja sinônimo ao termo sim passou pela minha cabeça. Relativamente, sou um membro recente do grupo. Aliás, um dos mais recentes. No entanto, acredito que isso não impeça que eu trace algumas perspectivas e sofra modificações.

Acredito que o trabalho que nós, os Artistas, fazemos ultrapassa os limites previstos pelos projetos de extensão e cruza uma via de mão dupla. Sim, ao fazer uma arte legitimamente engajada, o nosso grupo consegue mudar, ou melhor, revelar pensamentos, olhares e ideias que, em maioria, não são tão privilegiadas por luminosidade quanto deveriam. Mas, o melhor de tudo não está só aí, vejo que a verdadeira e pura magia está no poder da nossa transformação e progresso do eu

(Idem).

Se por um lado a produção da arte e promoção cultural como previstas pelo projeto de extensão tem alcançado um grande êxito, por outro, os objetivos desta proposta de trabalho têm transcendido suas expectativas. Chamar os Artistas de um projeto de extensão parece não contemplar a dimensão que as atividades e a dinâmica do grupo têm alcançado em nível individual em cada um dos integrantes, como também no coletivo.

Às vezes, me pergunto o que nós somos. Antes, admito que nem sabia o que eu realmente era, mas já no hoje vejo com algum parecer de clareza a nossas múltiplas faces: ira, paixão, revolta, paz, choro, lembrança e expectativa. Sim, nós somos tudo isso e ainda o que eu nem sei dizer. Como fios que se entrelaçam e dançam em curto circuito, nós somos uma quente hesitação que independentemente se organiza de maneira tão esdrúxula e pulcra que chega a me gerar espanto e admiração. Nós somos vários, somos cada membro único, cada membro conjunto, várias ideias que se divergem, acrescentam e interagem não porque querem ou aspiram, mas porque precisam

(Idem).

Considerando que grande parte dos Artistas irá deixar a escola no próximo ano, já que estão concluindo o terceiro ano, o futuro deste projeto de extensão tem sido bastante intrigante. Duas possibilidades controversas são levantadas: a primeira de abrir audição no início do ano que vem para substituir os integrantes que deixarão a escola; e a segunda de desvincular o grupo dos âmbitos do IFTM *Campus* Patrocínio. Esta última tem sido defendida pelo medo de que o grupo se descaracterize em sua essência e significado em caso da substituição da grande maioria dos integrantes.

É o que nós somos. Tudo o que sentimentos, cantamos, dançamos, escrevemos, criamos e transmitimos. É o que somos e ainda o que seremos, porque, de fato, este é o nosso futuro. Ser fielmente o que somos, o que acreditamos ser e o que desejamos ser: os Artistas

(Idem).

A pedagoga do Núcleo de Apoio Pedagógico, Camila Giordani, afirmou que *"os alunos do grupo Artistas assumiram uma responsabilidade e, ao mesmo tempo, um desafio ao elaborarem um projeto que contemplasse diferentes abordagens sociais"*. E sobre a última criação do grupo, o musical *"Quem canta um conto aumenta um ponto"*, continuou,

de uma maneira lúdica, a proposta, que contém várias formas de expressões artísticas, tais como: a corporal, a visual e a musical, consegue atingir diferentes faixas etárias ao ressignificar histórias infantis consagradas". Momentos como este, ademais de auxiliarem no desenvolvimento psíquico-social dos discentes, colaboram também na compreensão e reflexão de temas atuais significativos para aqueles que o assistem

(depoimento da pedagoga Camila Giordani).

Independente dos destinos deste grupo, que como todas as demais decisões concernentes a ele será definido em coletivo, o que verificamos é um grande sucesso das atividades deste projeto de extensão que, como já dissemos, conseguiu ir além dos objetivos aos quais se propôs, *"porque, eu acredito que o nosso intuito, o nosso instinto seja lutar, metamorfosear e revelar a nossa capacidade de realmente amar"* (depoimento do aluno Carlos Humberto).

Os alunos do grupo *"Artistas"* assumiram uma responsabilidade e, ao mesmo tempo, um desafio ao elaborarem um projeto que contemplasse diferentes abordagens sociais. De uma maneira lúdica, a proposta, que contém várias formas de expressões artísticas, tais como: a corporal, a visual e a musical, consegue atingir diferentes faixas etárias ao ressignificar histórias infantis consagradas. Ademais, momentos como este de auxiliarem no desenvolvimento psíquico-social dos discentes, colaboram também na compreensão e reflexão de temas atuais significativos para aqueles que o assistem.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A rosa do povo**. 27. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

Depoimentos

Carlos Humberto Pereira Filho em relato dia 01 de novembro de 2017.

Larissa de Paula Silva em relato dia 01 de novembro de 2017.

Samuel Victor Rodrigues Reis em relato dia 01 de novembro de 2017.

Camila Cunha Oliveira Giordani em relato dia 01 de novembro de 2017.

